

ALGUNS ASPECTOS DA PAISAGEM RURAL NO MUNICÍPIO DE OLÍMPIA

ELY GOULART PEREIRA DE ARAUJO

Um dos característicos das nossas zonas "pioneiras" é a rapidez de sua evolução; bastam poucos anos para que entrem numa fase de estagnação.

Assim aconteceu com a região de Olímpia (Estado de São Paulo), estudada pela prof.^a D.^a ELY GOULART PEREIRA DE ARAUJO, sócio cooperador da A. G. B. e auxiliar da cadeira de Geografia do Brasil da Universidade de São Paulo, em trabalho apresentado à IV^a Assembléia Geral reunida em Goiânia (1948), que o considerou digno de figurar nos seus Anais.

A região de Olímpia. — O município de Olímpia nada mais é que uma diminuta parcela do vasto planalto sedimentar que constitui todo o Oeste paulista. Entretanto, só temos ali as camadas cretáceas do arenito Bauru, assentando-se diretamente sobre o último derramamento basáltico, não sendo encontrado o arenito Botucatu. O "trapp" não aflora dentro do território em estudo, pois os rios não se aprofundaram suficientemente, como acontece no rio Grande, mais ao norte, e no baixo curso do rio Turvo. Tal fato tem muita importância, pois explica a não existência de terra-roxa no município.

Em virtude da pouca resistência das rochas, a erosão foi intensa nesses terrenos areníticos, ocasionando uma topografia tabular, sem nenhuma saliência a quebrar a monotonia do horizonte. O que observamos é uma sucessão de espigões e pequenos vales, estendendo-se a perder de vista, numa altitude média de 500 metros. Raros pontos atingem 600 metros.

Todo o território esteve coberto por florestas, que, segundo os pioneiros que ainda ali vivem, eram de grande pujança e riqueza. Não havia campos naturais, sendo resultado da ação humana as famosas pastagens que hoje se estendem de Barretos a Paulo de Faria.

Sob essa cobertura vegetal formaram-se solos ricos, mas facilmente esgotáveis; o arenito Bauru, muito friável, dá solos profun-

dos, mas arenosos, perdendo rapidamente os elementos fertilizantes graças à sua permeabilidade. Os habitantes da região designam pelo nome de *massapé* o mesmo solo do Bauru, desde que apresente um teor maior de argila. A denominação não é feliz, porque pode dar margem a confusões; é um nome trazido de fora, da região cristalina, que ali se implantou.

Dentro ainda deste rápido esboço das condições físicas da região olímpense, devemos acentuar o fato de ser abundante a água, quer no subsolo, quer na superfície. Os reservatórios de água subterrânea facilitam a abertura de poços ou cisternas, que é o meio mais generalizado para o fornecimento do precioso líquido às habitações rurais e, mesmo, às cidades. E, na superfície, não se desce um espigão, uma colina, sem que se encontre um curso d'água, por pequeno que seja. A quantidade de córregos e ribeirões permite boas aguadas às fazendas, embora não seja potável esta água corrente.

Do clima muito pouco se pode dizer, em vista da falta de dados meteorológicos sobre o município. É um clima quente, como o de todo o planalto paulista, bem regado de chuvas, repartidas por dois períodos do ano. Os meses de maio a julho são caracterizados pela limpidez dos dias, mostrando-se o céu quase sem nuvens. De julho em diante, o efeito das secas faz-se sentir, iniciando-se o reinado da poeira: os horizontes tornam-se esfumaçados; as cidades, vistas de longe, aparecem envoltas em nuvens de pó. A chuva, escassa nesta época, não dá para apagar a poeira, porque o sol logo retoma o seu lugar, tudo ressecando. A paisagem fica pardacenta e grande é o perigo das queimadas nos pastos. O gado sofre muito nessa ocasião, mais pela falta de alimento que da água. Em fins de outubro ou princípio de novembro, inicia-se o período das chuvas que vêm reverdecer toda a paisagem e que duram até março ou abril.

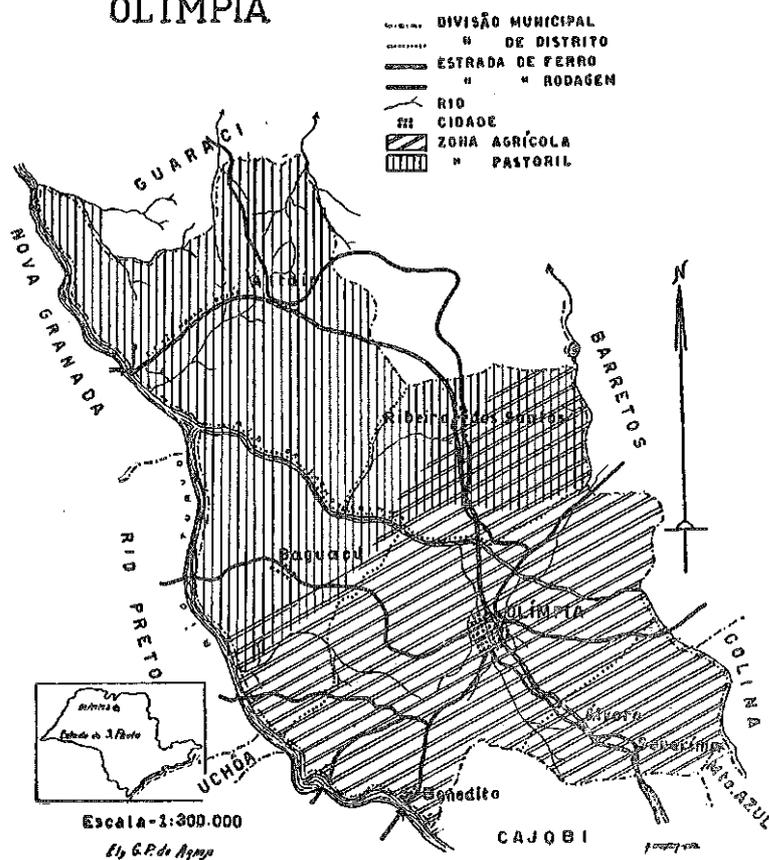
Neste quadro, assim sumariamente descrito, é que veio se estabelecer o homem, que, em pouco mais de meio século, modificou-o intensamente.

O povoamento. — Da paisagem natural da região quase nada mais resta. Por toda a parte, nota-se o sinal do homem, que em poucos anos destruiu por completo a floresta primitiva, cobrindo a superfície de culturas, pastagens semeadas de capoeiras e cerrados, além dos pequenos núcleos de povoamento.

Dentro do município, como já foi dito, não há diferenças na paisagem natural. No entanto, o homem criou ali duas paisagens.

A primeira, a sudeste do município, é a *paisagem agrícola*, de aspecto muito mais humanizado, onde dominam as atividades mixtas: culturas de diversos tipos, aliadas à criação de gado. O noroeste ficou reservado quase que exclusivamente ao *pastoreio*, à criação

Município de OLÍMPIA



ZONAS ECONÔMICAS DO MUNICÍPIO DE OLÍMPIA

ou engorda, aparecendo também grandes fazendas de cultivo de *algodão*; ali também é que sobraram grandes tratos de terra ainda cobertos de cerrados e capoeiras. Dessa maneira, a população dos distritos de Altair, Ribeiro dos Santos e Baguaçu é menor, sendo

a paisagem menos variada e mais desolada. É que o noroeste do município está dentro da grande unidade que tem por centro Barretos, com as grandes pastagens que acompanham o rio Grande, desde Paulo de Faria.

Não há, porém, limites precisos separando as duas paisagens. Elas se interpenetram e em plena região pastoril pode aparecer uma bela fazenda de café, assim como na zona agrícola de sudeste há propriedades destinadas à criação, embora no conjunto possa-se fazer aquela distinção.

A penetração na região. — A penetração se fez desde meados do século passado, com elementos mineiros, tropeiros, que descendo o rio Grande, entraram na região pelo atual município de Guaraci. As terras, que margeiam o rio Grande, foram as primeiras a ser ocupadas por esses elementos aventureiros, às vezes foragidos da polícia.

Tais famílias, isoladas, por uma grande distância e por uma muralha de florestas, dos centros urbanos mais próximos (Jaboticabal, Araraquara ou Barretos), constituíram-se em vastas sociedades patriarcais, verdadeiras autarquias que produziam tudo para seu próprio consumo. É preciso não esquecer que seu nível de vida era muito baixo, habitando em casas de pau-a-pique, criando porcos, plantando milho e mandioca, o essencial para a subsistência. A mata era derrubada em pequenas extensões, o suficiente para a instalação da casa e da rudimentar agricultura. A dificuldade de comunicações não permitia o aproveitamento das madeiras, da criação ou da agricultura.

Já em fins do século, depois que estes heroicos pioneiros haviam traçado algumas pistas que os ligavam às cidades mais próximas, para o fornecimento de mercadorias indispensáveis, como o sal ou tecidos, o povoamento se estabeleceu mais para o sul, agora com elementos vindos do nordeste do Estado de S. Paulo (Ribeirão Preto, Sertãozinho) e regiões fronteiriças com Minas.

Com esta penetração partida do sul, apareceram núcleos como *Monte Verde*, que data de 1895, *São Benedito* e *Baguaçu*, também dos últimos anos do século XIX, e *Olimpia*, já em princípios do século XX. A nova ocupação se fez toda sob o sistema de patrimônio: os proprietários de terras doavam um terreno em favor de um santo, em honra do qual se levantava logo uma capela; em torno dela não tardavam a surgir as pequenas vendas e casas de moradia, que se adensavam à medida que chegavam novos elemen-

tos de fora, atraídos pela facilidade de aquisição das terras e perspectivas de riqueza, próprias de toda zona pioneira.

Esta segunda fase do povoamento fundava-se na criação do gado e numa agricultura melhor organizada, mas sem o plantio do café, que esteve proibido até 1910. O milho e o porco não perderam sua primitiva posição; aliás, constituíam eles a base da economia pioneira: o porco, porque é um produto que dispensa meios de condução, pois se locomove através de grandes distâncias, e o milho, porque sua cultura precede a qualquer outra, após a derrubada. Diz-se até que o milho é o "amansador" da terra virgem.

Parte dos novos elementos tornou-se, logo, proprietária de lotes de terra comprados em ótimas condições e extremamente valorizados pouco depois.

Uma terceira e última fase do povoamento se deu com a estrada de ferro. A "E. F. São Paulo-Goiás", partindo de Bebedouro em 1909, foi semeando povoados e incentivando as vilas já existentes, até Nova Granada, num percurso pequeno (120 km), mas que, na época, foi a chave mestra para a valorização da região, pela facilidade que oferecia às comunicações e, portanto, ao escoamento dos produtos agrícolas e pastoris. Antes dela, gastavam-se três dias de viagem, a partir de Olímpia, em lombo de burro ou a cavalo, para se chegar a Jaboticabal, a verdadeira capital regional de então. Dois dias era o tempo requerido para uma viagem a Barretos, seguindo as trilhas de tropas.

Juntamente com a via-férrea, chegou o imigrante (italiano e espanhol), que logo deixou sinais característicos de sua presença na região.

Convém acentuar que o índio não constituiu obstáculo às primeiras penetrações. Quando o homem branco chegou, vindo do sul, não encontrou mais nenhuma tribo, embora fossem inúmeros os vestígios de sua existência. No local da cidade de Olímpia havia uma enorme taba e até hoje, quando são feitas excavações, encontram-se restos dessas tribos, talvez de Coroados: vasos funerários, objetos de cerâmica, armas, esqueletos e até o forno destinado ao fabrico de utensílios de barro têm sido descobertos. Acredita-se que os índios abandonaram o local, seguindo mais para o oeste, fugindo aos grandes incêndios, que castigaram a região após a forte geada de 1870.

Há, ainda, um traço característico deste povoamento que precisa ser mencionado. De início, procuravam-se as margens dos rios e córregos, pela facilidade de abastecimento d'água. À medida, porém, que o homem foi-se fixando definitivamente, procurou a meia-encosta dos espigões para a construção da casa, recorrendo à aber-

tura de poços para o fornecimento de água. É que a proximidade dos ribeirões traz consigo o perigo da maleita, que até hoje apresenta graves surtos, após as cheias. O patrimônio de São Benedito, às margens do rio Turvo, fracassou exatamente porque sua população foi dizimada, em grande parte, pela malária; não passa, hoje, de um pobre povoado, com poucas dezenas de casas e modesta capelinha, ali erigida em cumprimento de uma promessa.

População. — O município de Olímpia, que até 1939 foi dos maiores do Estado, perdeu grandes extensões de terra com a criação dos municípios vizinhos de Paulo de Faria (1939) e Guaraci (1944). No entanto, sua população não ficou muito diminuída, pois as regiões desmembradas eram justamente as menos povoadas, baseando-se sua principal riqueza na criação ou engorda de gado.

Atualmente, para uma área de 1 242 km², contam-se 45 141 habitantes, segundo os cálculos feitos para dezembro de 1947. Dêsse total, apenas 9 000 aparecem reunidos na cidade de Olímpia, dispersando-se o restante pelo zona rural ou nos distritos e pequeninos povoados.

O aumento da população tem sido constante, embora vagaroso, e é sobretudo a zona rural que tem crescido. Aliás, o aumento do número de propriedades agrícolas e a redução de seu tamanho, mostram claramente tal fato, na ausência de outros dados. As primeiras estatísticas datam do recenseamento de 1920, quando a área total do município era de 4.586 km², quatro vezes maior que a de hoje:

PROPRIEDADES RURAIS

1920	950
1944	889 (1)
1948	904

Estas propriedades assim se discriminavam:

1920

Até 40 alqueires	587
De 40 a 400 alqueires	318
De 400 a 10.000 alqueires	45

1944

Até 50 alqueires	734
De 50 a 500 alqueires	142
De 500 a 1.000 alqueires	10

(1) Nesta época, o município já tinha sido muito reduzido em sua área.

1948

Até 10 alqueires	354
De 10 a 50 alqueires	390
De 50 a 200 alqueires	124
De 200 a 500 alqueires	23
De mais de 500 alqueires	1

Desapareceram as enormes fazendas, quase despovoadas, surgindo em seu lugar um solo retalhado, que é uma consequência do adensamento de população.

Distribuição da população. — A vida econômica do município de Olímpia funda-se na agricultura e na pecuária. A cidade vive mesmo em função das atividades rurais, agindo como centro comercial abastecedor dos produtos necessários ao meio rural.

Como já foi dito, a vida agrícola concentra-se a sudeste do município, onde domina a cultura do café, de cereais e de algodão, além de alguma criação de gado; ao passo que, a noroeste, são mais comuns as propriedades destinadas a invernadas ou ao plantio do algodão. Tal fato traz algumas consequências: a zona sudeste é mais densamente povoada e nela há um muito maior aproveitamento do solo que na zona noroeste. Os dados referentes ao número de habitantes dos distritos olímpenses provam o que acima dissemos (2):

POPULAÇÃO		
<i>Zona Sudeste</i>	Urbana	Rural
Olímpia	8.939	15.919 (3)
Severínia	1.356	8.464
<i>Zona Norte</i>		
Ribeiro dos Santos	718	4.274
Áltair	723	2.955

A zona rural. — As zonas rurais mais típicas encontram-se nos distritos de paz, cuja vida está mais ligada ao campo e cuja função é mais rural que propriamente urbana. As vilas e povoados são pequeninos centros abastecedores das fazendas e sítios vizinhos.

Dos distritos, somente *Severínia* destaca-se, apresentando-se como uma cidadezinha, com algumas ruas, iluminação elétrica, casas

(2). Dados provisórios do recenseamento de 1940.

(3) Bagaçu só foi erigido em distrito em 1944, de modo que sua população aparece incluída no distrito de Olímpia, mas não é em grande número por ser uma zona pastoril.

de comércio de diferentes ramos e uma grande praça quadrada, onde se ergue a igreja. Aliás, em todos os povoados ou vilas aparecem capelinhas e igrejas, que foram os núcleos em torno dos quais se ergueram as casas. Contrasta neste ponto com a atual zona pioneira da Alta Paulista, onde a igreja é relegada para segundo plano, quando não inexistente, uma vez que aí a célula-mater das aglomerações já não é o patrimônio e, sim, a estrada de ferro ou as companhias de terras interessadas na criação de um núcleo que atraia a atenção de futuros compradores.

Baguaçu, datando dos primeiros tempos da colonização, apresenta a particularidade de ser uma vila de forma linear, acompanhando a estrada que antigamente era a principal via de comunicação entre Olímpia e São José do Rio Preto.

A população dos distritos é constituída por alguns fazendeiros vizinhos e pelos que vivem do comércio e pequenas indústrias locais, armazéns, lojas, farmácias, bares, máquinas de beneficiar café e cereais. Já nas povoações, toda a população trabalha no campo (ou "na roça", segundo a expressão costumeira). Mesmo o comerciante, proprietário da venda, tem seu pedaço de terra que cultiva para seu próprio consumo ou para criar novos produtos que venham sortir a "vendinha". Estas povoações e bairros contam pouco mais de uma dezena de casas e, geralmente, uma capelinha, que pode ser centro de grandes festas anuais em louvor ao santo padroeiro.

Sem contar com as *chácaras* e *hortas*, que circundam a cidade, e os *sítios*, pequenas propriedades que dão origem a um povoamento disperso, a forma dominante na região é o tipo que podemos chamar de aglomerado-disperso, forma de ocupação do solo peculiar às fazendas de café (ou mistas, na maior parte).

A *fazenda* é o centro de uma pequena aglomeração constituída pelas casas dos colonos, que se alinham uma ao lado da outra, geminadas ou separadas. Mais retiradas aparecem, então, a casa do administrador e a sede da fazenda.

Como esclarecimento, vejamos as denominações locais das propriedades, segundo sua área: com a extensão de 1 a 3 alqueires, aparecem as *chácaras*, geralmente próximas às aglomerações, quer urbanas, quer semi-rurais; *sítios* são as propriedades que possuem de 3 a 10 alqueires, cuja localização não é definida, havendo-os por toda a parte, perto ou longe das aglomerações urbanas; finalmente, a *fazenda* é a propriedade com mais de 10 alqueires.

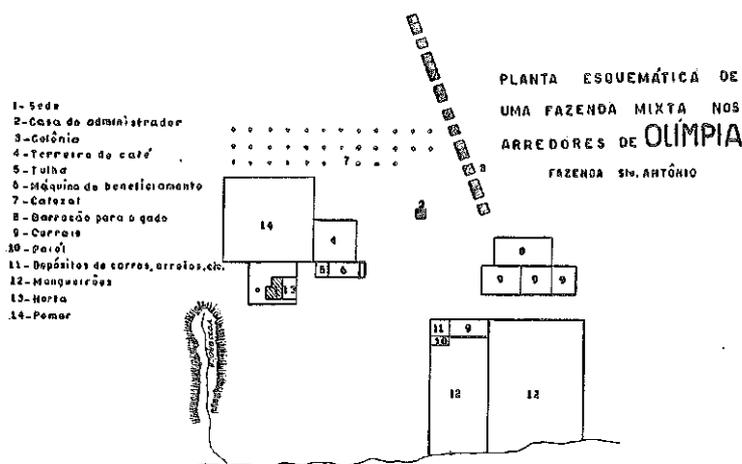
Os sítios e fazendas confundem-se quanto à sua distribuição e quanto aos produtos cultivados. A diferença está no sistema de trabalho, do qual resulta a ocupação do solo diferente pelo homem: enquanto nos sítios é o proprietário ou o arrendatário e sua família que lavram o chão, só eventualmente possuindo trabalhadores pagos, nas fazendas todo o serviço é feito com homens assalariados, às vezes residindo fora o proprietário. Disso decorre que no sítio, geralmente, há apenas a casa do sitiante, enquanto que na fazenda se agrupam as casas dos colonos e outros empregados.

A fazenda. — Geralmente a *sede* da fazenda é um prédio bem cuidado, de aspecto moderno, mesmo que suas linhas sejam modestas; não vemos lá nada que possa ser comparado com os casarões senhoriais das fazendas do vale do Paraíba ou da região de Campinas, por exemplo. Muitas possuem iluminação elétrica, água encanada, telefone.

Desde que haja o cultivo do café, aparece o clássico *terreiro*, atijolado ou de chão batido; na zona olimpiense, onde a superfície do solo é arenosa, o café, mesmo colhido sem pano, não fica misturado a pedras e outras impurezas. A secagem da rubiácea faz-se espalhando-se os grãos nos terreiros e mexendo-os de vez em quando por meio de rôdos. Depois da exposição ao sol, o café é amontoado para que, concentrado o calor, se uniformize a secagem. Isto feito, é êle levado para as *tulhas*, de onde sai para ser beneficiado; as tulhas são grandes cômodos de madeira, cobertos e com uma única saída. As fazendas maiores possuem sua própria máquina de beneficiar o café e armazens para o depósito do produto já ensacado, pronto para o despacho.

Outros elementos da fazenda são as instalações para os animais utilizados nos trabalhos do campo ou para produção de leite. Os currais e estábulos, assim como barracões para guardar as carroças, arreios ou caminhões, estão dentro da área dominada pela sede da fazenda, área que constitui o seu núcleo. O pomar está quase sempre presente, próximo à casa do fazendeiro. Quando não há máquinas modernas para a produção da farinha de milho, pode aparecer a roda d'água, onde os colonos moem seu milho mediante o sistema de troca: dão uma certa quantia de milho e levam o equivalente em fubá; mesmo nos moinhos da cidade vê-se tal sistema. A *colônia* localiza-se, conforme a necessidade do trato das culturas, longe ou perto da sede e da casa do administrador. Há fazendas que têm várias "colônias" para os diferentes tipos de culturas.

Nas propriedades que se dedicam à pecuária ou à plantação do algodão, o aspecto é diferente deste que acabamos de ver. Não ha "colônias" e escassas são as instalações na fazenda. Poucos homens dão conta do serviço, vivendo em casas mal cuidadas e isoladas; são os *retireiros*.



U. G. Paz Aguiar

Francisco Dias

Planta da Fazenda "Santo Antônio", em Olímpia

Aliás, estas duas atividades são interdependentes. As grandes fazendas da região norte do município ficam entregues aos arrendatários, geralmente japoneses, que durante o tempo do contrato cultivam o algodão; terminado o prazo, de 3 a 5 anos, a propriedade é entregue ao proprietário, já transformada em pastagens. É a maneira corrente da formação de invernadas, cujo número aumenta cada vez mais em Bagaçu e Altair.

A habitação rural. — Tal como a paisagem natural monótona e uniforme, as casas não apresentam diferenças profundas em qualquer lugar que se vá. Tanto o italiano como o espanhol, o português ou o brasileiro constroem suas casas de tijolos, com telhados em duas ou quatro águas, cobrindo poucos cômodos, de linhas simples, sem qualquer enfeite no acabamento ou traços arquitetônicos trazidos de suas terras, podendo ser assoalhadas ou simplesmente de chão batido. O japonês, quando arrendatário, pouco cuidado tem com sua casa; não passa de um abrigo provisório, pois é mal construída, de pau-a-pique, barreada, coberta de sapê, possuindo dois ou três cômodos, quase sem mobília.

A casa de madeira é rara na região, onde já se vai tornando um problema a carência de florestas; as casas de tábuas existentes são reminiscências do início da colonização no município. O predomínio quase completo da casa de tijolos é devido mesmo à destruição muito rápida das matas, encarecendo a madeira, e à facilidade da fabricação de tijolos, explorada pelo grande número de olarias que, desde o início, se estabeleceu na região.

A localização das casas, quer das colônias, quer das habitações dispersas do pequeno proprietário ou do fazendeiro é uma só por toda a parte, à meia-encosta. Nunca encontramos o homem morando no fundo dos vales, que o afugenta pela insegurança ou por causa do brejo e do perigo das enchentes, ou pela insalubridade de que o maior responsável é o mosquito transmissor da maleita. As próprias estradas evitam o fundo dos vales, cortando o alto dos espigões ou seguindo as encostas. O fundo dos vales fica, assim, abandonado, só servindo para pastagens, a não ser que a proximidade do centro urbano leve ao seu aproveitamento com o plantio de legumes e hortaliças.

Conclusão. — Pelo que acabamos de ver, a região de Olímpia é idêntica às demais que compõem o planalto ocidental paulista. De povoamento relativamente recente, pois tem apenas cerca de meio século, ela já foi como as outras e até pouco tempo, uma região pioneira; mas, hoje quem a visitar sem conhecer a sua história, terá idéia de que há muito foi desbravada. É que, devido ao fato de ter sido a região completamente explorada, num solo que não oferece senão nos primeiros anos muita riqueza e, também, devido à técnica errônea com que se tratavam e ainda se tratam as lavouras, Olímpia e seus arredores, a exemplo das demais zonas que há 20 anos ainda eram chamadas novas, já dá sinais de cansaço. Provam-no a estabilização da população urbana e a emigração de populações rurais para o norte do Paraná e região da Alta Noroeste e Araraquarense.